

O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

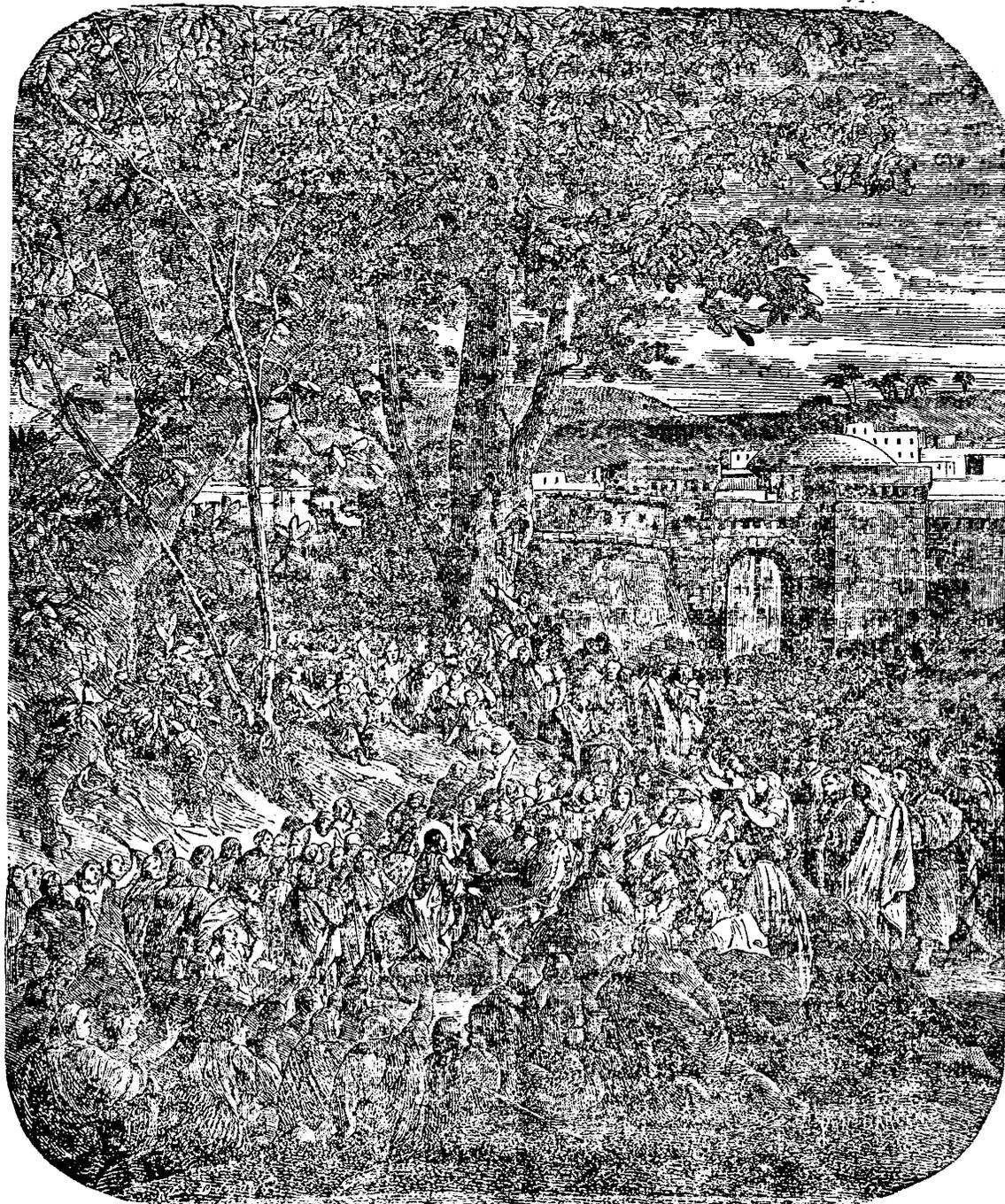
Condições da assignatura—Sem brinde: Por anno, Portugal e Hespanha, 800 reis; India, China e America, 1\$200 reis. Com brinde: Portugal e Hespanha, 1\$000 reis. Numero avulso, 100 reis.

Administrador e editor: José Fructuoso da Fonseca—Redacção, administração e officinas typographicas, Picaria, 74—Publicações, preços convencionaes.

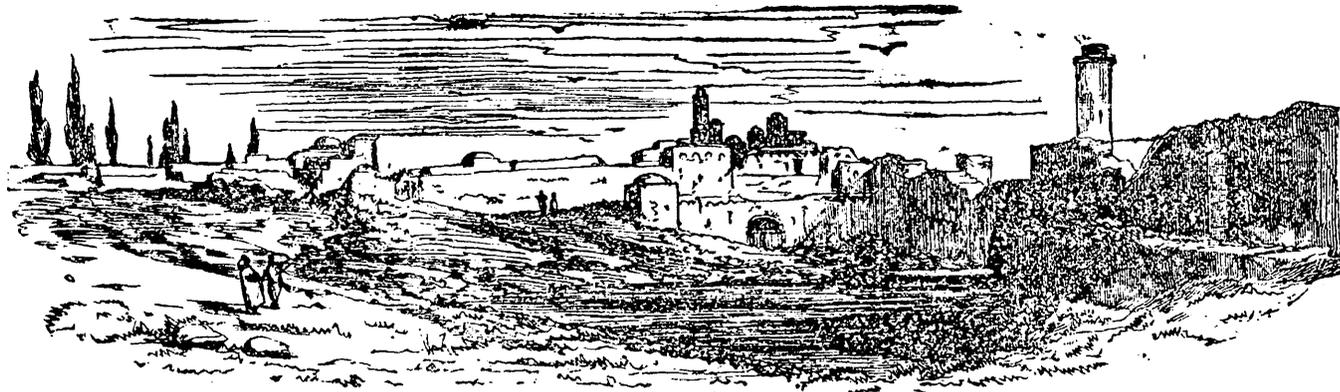
SUMMARIO:—*Commemorando*, pela Redacção.—*A Cruz*, por D. Francisco de Noronha.—*Jesus*, (poesia) por A. Moreira Bello.—*A Paixão do Redemptor*, pelo Padre José Victorino Pinto de Carvalho, Abade de Mancellos.—*Semana Santa*, pelo Padre José Vieira Neves Castro da Cruz.—*Triumpho e Morte—Alleluia*, (poesias), por Rangel de Quadros.—*Sexta-feira Santa*, por M.

M.—*Crucifixão*, (poesia), por M. M. de P. Madureira.—*O Descimento da Cruz*, de Quintino Metsys, (de Huysmans).—*Reliquias da Paixão. A Cruz*, por M.—**RETROSPECTO DA QUINZENA.**

Gravuras:—*Entrada de Jesus em Jerusalem; O Cenaculo; Descimento da Cruz; O sepulchro vazio.*



Entrada de Jesus em Jerusalem



Commemorando

Em plena Semana Santa como estamos, e coincidindo a data da publicação d'este numero com o dia grande por excellencia, e por isso mesmo designado solemnemente com o nome excelso de Sexta-feira Maior, esse dia em que no alto d'uma montanha da Judeia se consummara perante a humanidade expectante e anciosa a obra grandiosa da Redempção, deviamos nós necessariamente commemorar-o, juntando em um piedoso feixe os nossos pensamentos constrictos e assombrados em face da lugubre tragedia que se epiloga tremendamente no cimo do Calvario, no resgate sublime da humanidade, para com elle testemunharmos bem alto a nossa fé fervorosa de crentes.

E' isto, pois, o que pretenderamos cumprir, levados pela magnitude da commemoração, ainda que consciences da humildade e pobreza dos nossos esforços, mas sempre confiados na misericordia suprema d'Aquelle que tudo perdôa, que por isso mesmo a ha-de caridosamente acolher em seu seio paternal.

E bem pobre é—miseros atomos de pó que nós somos!—este nosso singelo sacrificio, deposto nas mãos de Jesus, que são aras de Amor; mas, perante a negrura do maior dos crimes dos homens—o deicidio, seja elle no emtanto como que uma gavela de dôres levada em pensamento atravez das edades, até ao sopé da Cruz, e ahi collocada sobre o chão ainda tinto do sangue innocente do Justo.

Humilde e desvalioso como é este nosso tributo, sirva ao menos para evocar principalmente no espirito christão as scenas que encheram a vida de Jesus sobre a terra, e com isto tornar lembrado mais uma vez e sempre o seu inenarravel amor á humanidade que tão ingratamente lhe corresponde.

N'estes dias solemnissimos, choremos, pois, as nossas iniquidades, lamentemos os nossos crimes, deploremos a nossa cegueira, e, deixando a nossa alma librar-se a alturas infinitas de ineffavel jubilo, os nossos braços enlaçados loucamente aos pés do madeiro bemdito da Redempção da humanidade, como Maria de Magdala, tenha sómente suspenso dos labios o grito sublimissimo de

AVE CRUX SPES UNICA!

A Cruz

Estamos no periodo quaresmal, e nada mais empolgante para o culto da verdade que a visão da Cruz.

E' que o antigo patibulo de escravos, o lenho que recebeu tantas lagrimas durante seculos, foi consagrado pelo sangue de um martyr na hora de uma Paixão inenarravel e de uma benção sublimissima.

E essa consagração occorreu no tempo de que este actual é anniversario.

Milhares de vezes têm orado diante de ti, ó Cruz, as victimas de odios e de perseguições, e milhares de vezes hão sahidos de tua presença, mais consolados em sua agonia e menos falhos de resignação tantissimos filhos da dôr vergastados pela miseria. Quem soffreu mais que o Christo, e quem merecia menos a affronta da morte cruel no Calvario?!

Por isso, tu, mitigas e abrandas as agruras e as maguas d'aquelles que sabem contemplar-te.

Já agora não é facil occultar-te e ignorar-te a acção civilisadora e o brilho moral intensissimo.

O teu vulto, ó Cruz, irradia de povo a povo, e de mundo a mundo. Não como pregoeira de guerra, nuncia de crime e ameaça tremenda, mas como symbolo de paz e testemunho de amor.

E que testemunho!

De amor incomparavel, profundo, authentico!

De amor que chegou a attingir as culminações do sacrificio mais espantoso ainda presenciado no mundo só para bem da humanidade, leviana e ingrata!

E de instrumento horrivel conduzido aos hombros fracos do proprio suppliciado passaste a ser, ó Cruz, uma insignia veneravel e uma bandeira de honra!

Quando as aguias do imperio cessaram emfim de guiar á victoria os soldados romanos, substituístelas com vantagem assignalada e com virtude triumphante!

Depois, que destino grandioso has tido!

Na terra e nos mares te levantas como faról e como abrigo, como divisa e como titulo de concordia.

Dormem á tua sombra no chão sagrado as gerações finadas que participaram dos efeitos salutaes da Redempção, e emquanto velas qual sentinela vigilante junto ás campas dos que fôram, fortalecem-se com o teu signal muitissimos dos que são ainda.

Que admiravel consonancia ideal, e que aperfeiçoado conceito de psychologia religiosa!

Para definir-te em toda a extensão de teu significado intrinseco, para te avaliar com inteira segurança de sentimento moral, não bastam as faculdades e recursos do homem, porque te elevas mais alto e fulguras em esplendor divino.

Corro para ti, ó Cruz, abraço-te com entusiasmo de crente e confiança de quem não ignora a tua historia pos-

terior á scena em que Jesus, de Nazareth, pendeu de teus tabuaes.

Agora que só conto n'este valle de miserias um ente querido pelo sangue, uma filha creança, e que os dois seres a quem devi mais que a meus paes, alheados por ventura de sua missão augusta e veneranda, e que esses dois seres, meus tios, entraram no silencio tumular, agora que assim me encontro e que tenho a plena consciencia da podridão e do egoismo de tantos que ririam apressados e insensatos se eu fosse tambem dormir o mesmo somno de que se não accorda, agora sinto-me melhor que nunca diante de ti, ó Cruz, fagueira esperança, encanto de alma, doce amparo de naufragos!

Curvo-me reverente á tua vista, e deixo correr uma lagrima do coração agradecido a teus favores, madeiro santificado por lagrimas de sangue precioso derramadas pelo Justo!

E, facto singular, varrem-se-me então da memoria e do pensamento lembranças e idéas pouco generosas que cedem o logar a allivio de penas com motivo de odios e a desejos de perdoar com vontade de esquecer para sempre injurias e aggravos talvez de mera supposição!

Confortas-me e empolgas-me com tal suavidade e com tal magia que me creio fóra do mundo em semelhantes momentos e me julgo transportado a regiões celestes de benção e de luz inextinguivel.

E's adoravel, ó Cruz, de Christo: que importa houvesse sido pesadêlo do escravo na noite da antiguidade e um sonho de bonança na mente dos lançados ás fôras nos circos por confessarem Aquelle que abriu a estrada do martyrio e legou á humanidade o evangelho do amor?!

Case-se, ó Cruz, a tua vida com a propria existencia do Universo! acaricia todos os berços com tua presença, ampara todos os tristes estendendo-lhes os braços, deslumbra todos os olhares fixando-se em ti!

Salvé, pois, antigo instrumento de supplicio: oxalá um dia possa o meu corpo descançar sob tua guarda na vala do cemiterio no seio da mãe commum!

D. Francisco de Noronha.

Jesus

Terra, exulta, e teus jubilos expande,
Que a divina promessa se cumpriu;
Dos prophetas á voz solemne, grande,
Prodigioso o facto se seguiu.

O delicto de Adão foi monstruoso,
Grave e justo o castigo do Senhor:
Mas, em misericordias copioso,
Deus predissera excelso Redemptor.

O tempo é já completo, a hora sôa,
Do mundo o Salvador desce dos ceos;
E no seio de Virgem pura e bôa
Encarna o Verbo altissimo de Deus.

Já nova estrella fulgida annuncia
Que despontou da humanidade a Luz;
Côro de anjos, com melica harmonia,
O venturoso annuncio reproduz.

O Messias, que occulto, presentira
No seio de Isabel o grande João,
Anna reconhecera mal o vira,
Celebrara e adorara Simeão.

Procura logo o barbaro tyranno
Ao tenro Infante a vida arrebatat;
Mas, guiados de braço sobr'humano,
Os Paes a dita logram de a salvar.

Co'a a morte do cruel o exilio finda;
E a modelar Família de José
Volve á casinha humilde, casta e linda,
Da sempre memoravel Nazareth.

Cresce o Menino em annos e sciencia,
Como no templo aos sabios amostrou;
E no trabalho, amor e obediencia,
De santidade o typo apresentou.

Mas eis que já se acerca o sacrificio,
E o novo Isaac ao novo Moria sac;
Antes que bata o instante do supplicio,
A semente sublime espalhar vae.

Da penitencia o Prégador agreste
O divino Cordeiro aponta aos seus;
Illumina se a abobada celeste,
E o Filho seu confirma a voz de Deus.

Que celestial doutrina escuta a terra!
Que estranhas maravilhas vê tambem!
Christo os thesouros divinaes descerra,
E passa, todo amor, fazendo bem.

Doenças, chagas da alma e corpo cura;
Atra morte domina o seu poder;
Invicto imperio tem sobre a natura;
Satan soberbo força a obedecer.

Converte com extrema caridade
A' verdade e á virtude as multidões;
Perdôa com suprema auctoridade
Aos conversos, rendidos corações.

Será por gratidão que a turba o acclama
Com fervido entusiasmo triumphal?
A' ternura infinita com que Elle a ama,
Responde com carinho filial?

Ah! quem no povo espera achar constancia,
N'essa eterna creança leve e vã?
De vivas, hoje, a alegre resonancia,
De morte odientos brados, amanhã!

Breve o Filho de Deus, ora visivel,
A' direita do Pac se vae sentar;
Porém todo o seu ser, bem que invisivel,
Por excesso de amor nos vac legar.

Emquanto no Olivete, exausto, dorme
Dos discip'los o sequito fiel,
Sangra e geme Jesus ao pêso enorme
Do calis que assumiu, pleno de fel?

Vendido, abandonado, infamemente
Maneatado qual torpe malfeitor,
Tratos mil soffre o celico Innocente,
A' morte é condemnado o Salvador!

Ao pincaro do Golgotha já sobe,
Vergado ao pêso atroz da dôr, da cruz:
Seu padecer a multidão não move,
Que sarcasmos e insultos só produz!

Já pende agonizante do madeiro.
O universal reparador Adão;
E, como Deus clemente e verdadeiro,
Dos verdugos ao Pae roga o perdão.

Quem n'esse acerbo trance te acompanha,
O' Martyr divinal, supremo Bem?
Quem te contempla e chora, em dôr tamanha,
Da inda hontem festival Jerusalem?

Tudo é rancor, ou medo, ou cobardia,
Na que devera ser grata Sião!
Fortes e amantes, só flebil Maria,
Magdalena leal, casto João!

Mas o amor de Jesus á humanidade
Nem nas vascas da morte se detém:
Não querendo que fique na orphandade,
Por mãe lhe dôa sua propria Mãe.

Expira alfim o Auctor da natureza,
E a natureza inteira estremeceu:
Treme da extensa terra a profundeza,
Convulsiona-se o mar, vela se o ceo;

Rasga-se o precioso veo do templo,
Que a protecção divina abandonou;
Surgem da campa—memorando exemplo!—
Corpos que a campa ha muito devorou.

Bate no peito a turba espectadora,
Ante prodigios taes na terra e ceos;
E o grave centurião clama n'essa hora;
«Este é realmente o Filho do alto Deus!»

E, como tal, por seu poder surgia,
Vivo, glorioso, do sepulchro seu,
E do ceo nos mostrava a sacra via,
Subindo vencedor e ovante ao ceo.

Já não é o mundo ergastulo que encerra
Miseras prezas só de Satanás:
Glorias a Deus nas alturas, e na terra
Aos homens bons e piedosos paz!

Março de 1904

A. Moreira Bello.

A Paixão do Redemptor

Um espectáculo tremendo nos offerece a commemoração da Paixão de Jesus Christo.

Aquelle, cuja sabedoria increada se patenteou na criação do Universo; cujo conhecimento abraça todos os tempos; cujo poder assombra o mundo inteiro: este homem que imperava, como Senhor, em toda a natureza; que arrastava após de si as populações das cidades e dos campos; este libertador tão desejado das nações, e cujo reinado devia estender-se a todas as edades futuras, apresentase-nos como um homem de dôres, o ludibrio de seus algozes, o objecto do escarneo de seus perseguidores!...

Os anjos, que tinham contemplado todo o brilho da sua gloria, não poderão reconhecer, em sua face sagrada, esses traços divinos, que o tornavam o mais bello dos filhos dos homens!...

Os prophetas, que o viam sahir do seio do Eterno, submeter todos os poderes da terra, não reconheceriam, n'esse exterior humilhado e abatido, o prometido das

nações, a esperança de Jerusalem, a gloria do céu, a luz e salvação de todos os povos!...

*

Depois de ter dado a seus discipulos as mais consoladoras instrucções, encaminha-se para o jardim das Oliveiras, e alli, prostrado por terra, faz a seu Divino Pae renuncia completa da sua vida, pela salvação dos homens. Suas humilhações e dôres eram bastantes, para apasignar a colera celeste; mas o Grande Libertador quer patentear-nos o amor que nos consagra, lavando nessas manchas, com seu proprio sangue!...

Acceptando por nós todos os tormentos e a propria morte, Jesus cahê em agonia, ora com fervor, e seu rosto divino é banhado de copioso suor de sangue!...

E' que o Salvador sentia então sobre seus hombros o peso das iniquidades de todas as gerações; via presentes todas as calamidades, de que o mundo seria victima, por causa dos peccados dos homens; conhecia todas as ingratições, com que haviam de ser correspondidas tão aquilatadas finezas do amor divino!...

*

Approximam-se seus inimigos. O justo, o innocente Jesus é preso e exposto á irrisão de um povo que, ainda ha pouco, o aclamava com enthusiasmo!...

Tudo se conspira contra o Cordeiro immaculado: as peixões dos homens, os dardos evenenados da inveja, o furor do falso zelo, as zombarias cruéis da impiedade!...

Tudo fere e dilacera o Coração de Jesus! E para mais cruel ser essa dôr, é um dos seus apóstolos quem serve de guia aos que vêm manietal-o e arrastal-o á presença de Juizes iníquos!...

A perfidia de Judas, a inveja dos pontifices, a ambição de Pilatos, a cegueira dos judeus, que desconhecaram o Grande Legislador, pela falsa idea, que d'Elle faziam: eis os meios de que Deus se serviu, para a execução de seus eternos decretos!...

A caridade ardente, que fizera sahir Jesus do seio de seu Eterno Pae, para se revestir da fraqueza humana, é a mesma que o leva ao Calvario, consummar seu sacrificio. Só a excessiva misericordia de Deus, pôde tornar nos criveis suas ignominias e soffrimentos.

Sem essa consideração, a fé se enfraqueceria, e a razão não poderia comprehender o espectáculo da Eterna Sabedoria insultada, pregada em uma cruz e exposta aos desprezos e furores da impiedade!...

Arrastado pelas ruas de Jerusalem, no meio de um povo em tumulto; reconhecido innocente e logo açoutado diante do povo; repellido por este que, voz em grita, pede a sua condemnação, Jesus Christo é finalmente condemnado ao supplicio ignominioso da Cruz!...

*

Revestido das irrisorias insignias da realleza, carregado com os instrumentos do supplicio, Elle soffre os insultos de um povo, entre o qual espalhara os mais assignalados beneficios!...

Pregado na Cruz, ora por seus algozes, por aquelle povo desvairado que, ainda alli, juntava ás dôres do Filho de Deus a irrisão e a blasphemia!...

A hora extrema vae-se approximando, e Jesus solta um grito de dôr: «Pae, diz Elle, em vossas mãos entrego o meu espirito.» E rasgou-se o véu do Templo, a terra envolveu-se em trevas, estremeceu a natureza, fenderam-se as rochas, e o orbe convulsionou-se desde seus fundamentos!...

O corpo inanimado de Jesus lá está pendente do madeiro da Cruz; seu sangue precioso banha essa terra ingrata, que não soube aproveitar-se do preço da redempção do genero humano!...



O GENACULO

Jesus crucificado pelos peccados dos homens, permittindo que não sejam perdidos para nós os fructos da Vossa Paixão e Morte!...

José Victorino Pinto de Carvalho.

Abbadé de Mancellos.

Semana Santa

Chegou o tempo em que a Igreja celebra a grande scena da paixão do Senhor, do Filho de Deus promettido aos nossos primeiros paes para salvar o genero humano. E' o tempo em que se consummou o sacrificio cruento da redempção dos homens. E' o tempo em que a Igreja, depois de nos apresentar graves lições, grandes exemplos de recolhimento e austeridade, nos conduz ao sagrado caminho do Calvario.

Começa este tempo pela entrada triumphante de Jesus Christo em Jerusalem, cuja ruina elle vaticinou, em consequencia de não ter aquella cidade conhecido o Redemptor promettido.

E esse povo, que geralmente, com todo o enthusiasmo, no meio da maior ovação, aclama a Jesus Christo Rei de Israel, é o mesmo que, passados poucos dias, com todo o phrenesi das ruins paixões, pede o seu sangue. Em um dia canta hosannas ao Filho de Deus que vem em nome do Senhor; em outro dia clama furiosamente junto ao pretorio de Pilatos: Morra, morra, seja crucificado, elle merece a morte.

Este espaço de tempo, que decorre desde o triumpho publico do Salvador até á sua morte, é designado pela Igreja com o nome de *Semana Santa*.

Denomina-se assim por causa da santidade das coisas que n'ella se realisam, pelos altos mysterios religiosos que contém, e pelas disposições com que devemos assistir aos actos sagrados. E este nome, que vale um livro inteiro, prevaleceu geralmente na Igreja a outros que tambem se lhe dão: é a *Semana Santa*.

Nos tempos primitivos da Igreja Christã todos os dias d'esta semana, e ainda da semana seguinte, eram outros tantos dias festivos. Eram prohibidos o trabalho manual, o negocio e a continuação dos processos judiciaes. Os mesmos imperadores do Occidente e do Oriente confirmaram nos seus decretos este bello regulamento da Igreja.

A semana santa era tambem um tempo de indulgencia e de remissão. Porque os principes christãos conformavam a sua politica com a da Igreja, a qual n'este tempo reconciliava os penitentes publicos. Abriam as prisões, pagavam as dividas dos devedores e os punham em liberdade.

Esta semana é cheia de divinos mysterios e das mais ternas recordações. São mysterios de tristeza e juntamente de alegria: de tristeza, porque nos trazem á memoria a morte e tormentos que Jesus Christo padeceu para nos remir; de alegria, porque nos representa em primeiro logar a entrada triumphante de Jesus em Jerusalem e a instituição do augustissimo Sacramento da Eucharistia, e em segundo logar a grande obra da nossa redempção.

Cada um dos hymnos, que a Igreja recita na liturgia d'estes dias consagrados ao luto e á dôr, são magnificos, expressivos e significativos. Cada uma das suas ceremonias encerram a mais sublime poesia.

Todos esses hymnos, todas essas ceremonias poderiam commover o coração mais frio e insensivel, se uma espantosa indifferença para os objectos religiosos não fosse o caracter distinctivo dos tempos actuaes.

Se o gosto, que muitos affectam pelo bello e sublime, ainda não está inteiramente depravado, voltem atraz, pres-

tem por um só momento attenção a cada uma das ceremonias, com que a Igreja perpetua a memoria da victoria alcançada sobre a montanha do Golgotha; leiam uma só pagina dos nossos Homeros que cantaram em versos elegantes a liberdade do genero humano.

Ninguem pôde interpretar fiel e dignamente os sublimes mysterios que se encerram na liturgia da semana santa.

Todo o genero humano, diz S. Paulo na primeira epistola aos fieis de Corintho, tinha morrido em Adão; todo o genero humano recuperou a vida por Jesus Christo.

O fructo d'uma arvore foi a causa da nossa perdición; o fructo d'outra arvore é o preço da nossa redempção.

Milton, no seu *Paraizo perdido*, cantou este pensamento em elegantes versos; S. João Chrysostomo com a sua costumada eloquencia desenvolveu este objecto, tratando-o d'um modo admiravel. Mas nada pôde explicar bem a grandeza dos mysterios que a Igreja recorda na semana santa, cantando a gloriosa peleja e modo como o Redemptor do mundo conseguiu o triumpho sobre o trofeu da cruz.

Falta-me o tempo, mas não a vontade, de fazer uma descripção circumstanciada das ceremonias que a Igreja emprega n'esta semana, com o fim de perpetuar a memoria do beneficio da redempção.

A Igreja canta finalmente estas mysteriosas palavras: *O felix culpa, quæ talem ac tantum meruit habere Redemptorem!*

Palavras que exprimem tudo; e nada mais é preciso acrescentar.

Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.

Triumpho e Morte

I

Jesus, formoso innocente,
em Jerusalem entrou.
E todo o povo, contente,
para vel-o, se juntou.
Admira a sua humildade,
por que Jesus, sem vaidade,
os brilhos da Divindade,
sorrindo, manifestou.

Todo o povo o saúdava
com respeito e com amor.
«Hosana! Hosana!—Exclamava—
ao Messias Redemptor.»
E, nos sorrisos divinos,
Jesus aos tenros meninos
inspirava santos hymnos
de paz, de gloria e de amor!

Por um povo enternecido,
na vasta Jerusalem
Jesus fôra recebido,
como não fôra ninguem.
—E o povo flores lhe dava!
E um heroe, que triumphava
e que o povo libertava,
em Jesus vira tambem.—

E alegre o povo estendia
suas vestes pelo chão
e sobre ellas passaria
quem trouxera a Redempção.

—Esses ramos de palmeiras
e folhagens de oliveiras,
foram trophéus e bandeiras,
que o povo Lhe trouxe então. —

Bem poucos dias passaram...
E o povo se amotinou!
Mil blasphemias se escutaram
e o povo logo apontou
o Messias tão bondoso,
como um réu sedicioso!
— E, já como um criminoso,
aos tribunáes o levou.—

Cumpriram-se as Prophcias,
que fallaram de Jesus.
O que predisse Isaias
á crença os homens conduz.
Olháe! Jesus está morto!
Perseguido desde o Horto,
tudo soffreu sem conforto
até expirar na Cruz!

E o povo fica aterrado,
por que sem luz o sol viu!
E, da natureza ao brado,
já do Calvario fugiu!
Diz-lhe toda a natureza,
perdendo a sua belleza.
que dos homens á crueza,
o Homem-Deus succumbiu!

Jesus triumphou morrendo!
A' morte não teve horror,
porque o martyrio prevendo,
nos quiz mostrar seu amor!
Chorava com os afflictos
e perdoava aos constrictos!...
—Choremos nossos delictos
ante a Cruz do Redemptor!—

Alleluia!

Vae Magdalena chorosa
com um vaso de perfumes.
Dos outeiros sobe aos cumes.
Do sol já quer ver a luz.
Do Redemptor vae saudosa.
Vae com ella outra Maria.
Vae Salomé.—Quem as guia
ao sepulchro de Jesus?—

Caminham mais apressadas,
por que a luz do sol já brilha.
E parece maravilha
o seu extranho fulgor.
Já veem as cumiadas
sob um Céu puro e formoso,
que parece um santo goso
fallar-lhes do Redemptor!

Vão no corpo do Messias
derramar balsamo puro.
Mas, do sepulchro tão duro,
quem ha de a pedra mover?
—Jesus foi morto, ha tres dias.
Não deixou de ser guardado.
E o balsamo derramado
como póde agora ser?—

Chegam! Viram já erguida
essa campa, que escondera
quem pelos homens morrera,
e que sellada ficou!
Foge a guarda espavoridal
E um mensageiro celeste,
trajando candida veste,
lhes disse: «Resuscitou!

Quem buscaes? o Nazareno,
que morreu pelos humanos?
Não temeu da morte os damnos.
D'ella soube triumphar.
Venceu o poder terreno.
Quiz, no sepulchro, em memoria
da sua grande victoria,
as ligaduras deixar.»

As fontes correm suaves.
Já não inspiram tristeza.
E já toda a natureza
dá prazer aos coraçãoes.
—Já gorgeiam ternas aves.
Mostra o Céu puras saphiras.
E da natureza as lyras
soltam alegres canções.

Jesus supportou a morte.
D'ella o poder venceria.
Por isso, ao terceiro dia,
já o sepulchro deixou.
—Tal dissera! E' grande! E' forte!
E logo, aos mais puros crentes,
que o receberam contentes,
sorrindo, se apresentou!—

Os crentes elevam cantos
de alegria a mais sincera,
por que da morte souberra
hoje triumphar Jesus.
—Enxugando os nossos prantos.
louvemos, victorioso
Jesus, por nós amoroso
e honremos a sua Cruz!—

(Aveiro).

RANGEL DE QUADROS.

Sexta-feira santa

Ha no christianismo dias solemnes, memoraveis, que teem no nosso coração um logar primario pelos vivos affectos que n'elle despertam, pelas indeleveis sensações que n'elle deixam. Com quanto no christianismo seja tudo infinitamente grandioso e excelso, porque o seu primacial auctor foi Deus e homem verdadeiro, que, iniciando-o n'um pobre e humilde presepio, deu-lhe infinito impulso n'aquellas divinaes palavras: «consummatum est», ha contudo um dia que sobressae entre todos pelos phenomenos que se deram.

Foi sexta-feira santa que no monte Golgotha se presenciou o espectáculo mais assombroso, pathetico e lancinante, que ninguem podia imaginar! N'uma cruz pendia um innocente que tinha assombrado o mundo com o prodigio de seus milagres, com a pureza angelical da sua vida e com a grandiosa simplicidade do seu nascimento! Este innocente era Christo.

Havia poucos dias que Jesus entrara em Jesusalem triumphante e que aquelles que o pregaram na cruz o ti-

nham aclamado com «Hosanas!» Oh! que foi isto, povo deícida?

Não vias que Jesus era innocente, o teu Deus e o teu rei, que te queria com seu sangue divinal libertar da escravidão da culpa original? Oh! fica para ahi, povo regicida, carregado com o terrivel anathema que te opprime, e chora, chora e implora perdão ao teu Deus, em quanto eu vou em espirito atravez de XX seculos contemplar o martyr divino, o cordeiro immaculado; mas não quero ir só, venham commigo todos os crentes. Subamos aquella encosta cujas pedras ainda estão tintas do sangue precioso de Jesus! Olhemos attentamente para a cruz do meio e vejamos o amantissimo Jesus, o mesmo que disse á Samaritana: «Se conhecesses o dom de Deus!...» despido da sua santa tunica, e pregado de pés e mãos n'um madeiro infamante, que já lhe tinha triturado os divinaes hombro e exaurido as forças!...

Oh! olhemos assim de perto para Jesus... onde está aquella belleza que attrahiu os anjos, os pastores e os reis á gruta de Belem? Onde está aquella irresistivel atracção que fazia com que as multidões ao seu encontro exclamassem inebriadas pela suavidade e ternura celeste da sua voz e sublimidade da sua doutrina: «Bemaventurado o ventre que te trouxe e os peitos que te alimentaram». Oh! vejamos: os seus santissimos olhos, embaciados pelo sangue que corre das feridas que lhe fez a penetrante corôa de espinhos, ora se cerram á violencia das dôres, ora se voltam com piedade para o céu a solicitar de seu Eterno Pae perdão para os infelizes que o atormentam. A sua santissima bocca entreaberta para receber o fel e vinagre das nossas ingratições futuras, symbolisadas na cruel esponja que aquelles perversos algozes lhe offereceram quando Jesus disse: «Tenho sede.» Aquella divinal bocca, que tinha prégado aos homens a linguagem sublime do amor n'aquelle inolvidavel sermão da montanha, ainda n'esta hora continua na mesma a sua missão d'amor, na pessoa de Dimas, dizendo-lhe: «amanhã estarás commigo no Paraizo;» e na do discipulo amado: «João, eis a tua mãe,» apontando-lhe para Maria Santissima: «Mulher, eis o teu filho,» disse Jesus, mostrando-lhe S. João.

N'aquelle discipulo estão comprehendidos todos os homens, e n'aquelle mulher, que é Maria SS. martyr de dôres, nos deu Jesus uma mãe terna, santa e compassiva que jámais esquecerá os filhos que n'um momento tão solemne lhe foram entregues.

Os seus santissimos braços estão abertos para nos receber a todos n'um amplexo d'amor eterno.

Do seu sacratissimo Coração, aberto pela lança d'um incredulo, jorra sangue e agua cujas gottas preciosas vão cahir nos olhos do infeliz que immediatamente se descerram á luz do dia; mas o que é mais admiravel ainda, os olhos da alma se abrem á luz rutilante da fé, que até alli lhe faltava. Aquelle divino Coração é asylo de refugio para todos que n'elle queiram entrar.

Emfim, que dôr! o seu purissimo corpo é um sudario de dôres, chagas e martyrios; e n'este estado dolorido e triste permanece o dulcissimo Jesus tres longas horas! Depois, já sem forças Jesus inclinou a sua divina cabeça, exhalou um suspiro, e... expirou! ..

Oh! fujamos da cidade ingrata, do monte dos horrores! Mas para onde, se já nada vemos?! Com a morte do sol divino eclipsou-se o sol, tremen a terra, as pedras partiram-se e os mortos resuscitaram! Oh! fujamos de tão tragica scena como é a do calvario; mas levemol-a em nosso coração para com ella dulcificar as dôres da nossa alma na nossa terra de exilio. Tudo está consummado!... Jesus com aquelle suspiro agonisante sellou a nova alliança do céu com a terra.

Por isso cessaram as duvidas, os receios e a anciosa

espectactiva: Jesus é Deus, é o Messias promettido por Deus á humanidade para a libertar da escravidão do peccado e abrir-lhe as portas do céu. Já são decorridos XX seculos que Jesus morreu e ainda toda a natureza o pranteia com a Santa Egreja, nossa mãe, em plangentes gemidos.—O sol, esse astro formosissimo do dia, esconde seus raios creadores debaixo de plumbeas nuvens; a lua, rainha da noute, envolve-se em negros veus e priva-nos da sua luz prateada; as estrellas de rutilante brilho já não scintillam, deixando a atmosphaera n'um abandono lamentavel! As flores choram pendidas para o chão a morte de Jesus; os ventos n'uma linguagem triste e melancolica pranteam a morte do Creador!! O bronze emudece e na egreja tudo é tristeza, lucto e dôr!!

E a nossa alma envolvida em negros crepes eleva ardententes preces a Jesus morto e pede-lhe misericordia para tantos infelizes que jazem nas trevas da descrença, e insensíveis a todos os mysterios da nossa santa e augusta religião.

M. M.

Crucifixão

Eu o feri pelos delictos do meu povo.

Isaias.

Pelo dorso do Calvario,
Onde vae ser immolado,
Lá sobe em sangue banhado,
Vergando ao pezo do lenho,
O meu JESUS, cujo empenho
E' do mundo a remissão!...
Que atroz!... pungente irrisão!...
Que blasphemias!... vituperios
Contra Aquelle, que aos imperios
Vem trazer a salvação!...

Já no viso da montanha
Que immenso povo s'agita!
Como todos, voz em grita,
Lá dizem: «morra JESUS!...»
Levantam logo uma cruz,
Esse terrivel madeiro,
Em que o Homem-Deus verdadeiro
Por ferreos cravos suspendem! ..
Sacras Mãos e Pés Lhe fendem
A'quelle insonte Cordeiro!!...

C'róa d'espinhos Lhe cinge
A sacrosanta Cabeça!...
E, p'ra que logo pereça
A' viva força da dôr,
Esse povo, em seu furor,
Frio ferro Lhe cravara,
D'onde em torrentes manara
Um sangue tão precioso,
Que fôra o mundo ditoso,
Se d'Elle s'aproveitara!...

Na cruz pendente ficara
Co' aquelles Braços abertos,
Para acolher os libertos
A que Elle dera alforrial...
De trevas se cobre o dial...
Tudo inspira terror!...
Vós, porém, meu Redemptor,
Com vossa Fronte inclinada
Nos convidaes p'ra a morada,
Que nos dá o Vosso Amor!



O Descimento da Cruz

(Quadro de Rubens)

Ali da Virgem no seio,
D'essa Mãe de dôr transida
Foi a Victima estendida,
Para melhor contemplar
Esse Martyr, e beijar
O seu Filho tão chagado,
Que depois foi sepultado
Em um novo mausoleu,
D'onde aos tres dias s'ergueu
D'immensa gloria cercado!...

Alvarenga, 10-3.

M. P. DE P. MADUREIRA.

O «Descimento da Cruz» de Quintino Metsys

(Museu de Antuerpia)

Causa sempre immensa amargura verem-se quadros mysticos tirados do seu meio, sahidos dos seus logares habituaes. Para esse fim têm que albergal-os em collecções ou em museus, o melhor que podem, isolal-os mesmo das outras telas em salas áparte, e nem por isso deixam de mostrar que estão bem longe das capellas e dos oratorios onde viveram; machinalmente procura-se na sua frente em genuflexorio e apenas se nos depara um banco de veludo coçado pela indifferente fadiga dos visitantes. Esta impressão d'uma obra que bem mostra estar fóra de sua casa, como que alojada em um hotel, experimenta-se em Antuerpia sobretudo, deante da Descida da Cruz, de Quintino Metsys.

Descida da Cruz ou Deposição no tumulo, pois que os dois titulos não são, ambos elles, absolutamente exactos, porque o artista pintou o momento intermediario entre estes dois actos, aquelle em que Jesus já não se mostra sobre o instrumento do supplicio, nem ainda foi descido ao tumulo. Nota, pois, um tempo de pausa, uma paragem entre essas duas scenas dos Evangelhos, no seu triptyco.

Os dois postigos representam, o primeiro a degolação de S. João Baptista, o segundo o martyrio de S. João Evangelista, deitado vivo em uma caldeira de azeite a ferver; bem podiam elles ser ainda a gloria de museus de somenos importancia, mas aqui passam quasi desapercibidos, porque o seu interesse fica eclipsado pela terrivel magnificencia do painel central que ladeiam.

Este painel dispõe os seus principaes personagens sobre o fundo do Calvario. Duas cruces estão occupadas, suspendendo ainda os dois ladrões; a terceira, a do meio, está vazia e duas mulheres recolhem ao pé d'ella o sangue que goteja de Christo; abaixo d'ellas estão dois homens sentados, um, com uma especie de chapéu na cabeça, tira e saccode o calçado enquanto que o outro tira d'uma sacola provisões e prepara-se para comelas; um terceiro, com uma escada ás costas, desce a vereda da montanha, ao longe;—depois á esquerda, no ponto onde o Golgotha termina, desponta Jerusalem na poeira azulada d'um dia claro; emfim, á direita, no flanco vasado do rochedo, abre-se uma gruta onde se vae depositar o cadaver divino; e, debaixo da sua abobada, á beira d'um velho, uma mulher alumia uma serva que varre o chão.

Tudo isto, porém, não passa de personagens episodicos e simples figurantes postos ahi para fechar o circulo em cujo centro estaciona o verdadeiro assumpto como o concebida Metsys.

Eis, pois, o assumpto:

Ao longo da tela, Jesus acha-se deitado sobre um sudario, no primeiro plano. A' esquerda, Nicodemus ergue, ajoelhado, o corpo que segura debaixo dos braços, em-

quanto que José d'Arimatea ampara a cabeça, e alisa-lhe amorosamente com os dedos a pelle descollada da fronte. Este apresenta-se sumptuosamente vestido com um peitoral de tecido ondeante, e um manto que faz lembrar um pluvial com aves bordadas, agalado a ouro e picado de gemmas; com este traje e o seu rosto barbeado de pouco, dá ares d'um padre latino do Occidente, como Nicodemus com as suas vestes roçagantes, barbas compridas e a sua touca suggere a ideia d'um ministro grego ou d'um pope, d'um padre do Oriente. Por detraz d'elles, um outro homem de grandes bigodes, o busto apertado n'um corpete azul ferrete, rematado por uma golla alaranjada, e a cabeça coberta com um turbante, uma figura de janizaro tal como a gravaria mais tarde Rembrandt, segura nas mãos a corôa de espinhos. Estes tres formam o grupo da esquerda. No do meio, a Virgem vestida com o immemorial manto azul, a cabeça coberta com um capúz que lhe occulta as orelhas e os cabellos e encobre-lhe metade da fronte, semelhando uma touca de religiosa, permanece ajoelhada e de mãos erguidas; atraz d'ella, S. João, vestido de vermelho, conforme a tradição, inclina-se afim de soccorrel-a, temendo que desmaie, e, perto d'elle, uma mulher, Martha, Maria Heli ou Joanna Chusa, não se sabe ao certo qual, estende uma esponja a Maria Salomé que se prepara para lavar as mãos ensanguentadas de Christo; emfim, para completar o grupo da direita, que começa por Maria Salomé, uma mulher já velha, a mãe de S. Thiago Menor e S. Judas toda se lamenta, enquanto que Magdalena enxuga, como o fizera em vida, com os seus cabellos os pés mortos do Esposo.

Excepto Maria Cleophas, a mãe dos dois Apostolos, vestida com um manto de trama pobre, d'uma côr violeta cinzenta, as outras acham-se ataviadas com magnificos enfeites,—uma, estreitada em um collete branco com mangas côr de rosa,—outra embiocada em um vestido d'um roseo livido como uma petala de hydrangea e mangas d'um velludo purpura; e ambas ellas usam murças cheias de labores de ourives, joias, véus finos, todo o luxo de toucador que, no tempo em que vivia Metsys, os flamengos ricos ostentavam.

Em resumo, este quadro acha-se ordenado d'este modo: em primeiro lugar, o cadaver deitado do Salvador, depois, á esquerda tres homens, Nicodemus, José d'Arimatea e um desconhecido;—no centro, a Santissima Virgem, S. João, uma mulher cujo nome se ignora; á direita, Maria Salomé, Maria Cleophas e Maria Magdalena. Pôde-se, portanto, agrupar os personagens em series de tres.

Se os analysarmos agora em separado, lemos na physionomia e na attitude de cada um a dor que experimentam. Nicodemus reflete, olha esmagado para a sua frente, sem ver. Chora, curvado sobre si mesmo, perguntando de si para consigo se não estará sonhando, se esta scena a que assiste será bem real; José d'Arimatea franze os supercilios e a sua bocca contrahe-se no esforço que faz para não chorar; porque elle não se absorve, mas antes entrem, cultiva, por assim dizer, a sua angustia, examinando e palpando esta joalheria do martyrio, esta corôa de perolas de sangue que cinge o craneo de Jesus já mortificado pelas bofetadas e manchado pela baba nojenta dos judeus; quanto ao soldado do turbante, mostra elle o olhar alerta do gato que espregueira; perscruta o horisonte, protege os outros, é como que a sentinella d'este pequeno acampamento.

Mas a imagem sublime da dor é na Virgem que ella apparece, uma Virgem livida, cujas feições delicadas e encantadoras mostram-se á força de muito chorar, como que inchadas. Com olhos que não o são, com olhos que, depois de terem ardido se apagaram na agua das suas lagrimas, porque já não se pôde descortinar sob a palpebra semi-

cerrada, senão um ponto de carvão extinto, contempla o cadaver horroroso do Filho; muda, quasi cega, arremeça um gesto desesperado, cahe de joelhos, tremendo, estende mãos supplicantes, e os soluços abafam-na. A sua dor punge deveras, porque n'este quadro não tem Ella o andar compassado, hirtto, d'essas grandes Madonas que desmaiam e succumbem em scena, nas telas flamengas dos Primitivos; estas perdem pelo menos o sentimento dos seus males, mas a Virgem de Metsys, mais varonil e mais forte, conserva toda a sua razão, morrendo lentamente, em pleno conhecimento, para melhor soffrer.

Não creio que nunca a *Mater dolorosa* fôra mais humanamente e, sem astucia dramatica, mais tragicamente pintada. Ella e até S. João que é todo cuidados para com Ella, são d'uma belleza sem igual; S. João tão deferente, tão affectuoso para Aquella de quem, na Natividade do Calvario, se tornou filho, e que, só elle, n'este quadro, não podendo mesmo despregar os olhos de Christo, vela no entanto por sua Mãe, acarinha-a, abraça-a, por assim dizer, com um gesto suave, ajunta ás suas torturas pessoais o desassocego compassivo d'um filho, enxerta nas suas proprias dores as d'Ella.

No que diz respeito ás santas mulheres, se exceptuarmos Maria Cleophas que se immobilisa e geme, torcendo as mãos, as outras movem-se, trazem vasos, esponjas, lavam e enxugam, a chorar, as feridas de Jesus.

Eis como se apresenta o semi-circulo dos personagens que preparam a Deposição do Salvador no tumulo.

E' Elle a figura terrivel da obra. Não é esse Jesus rustico, mal acepilhado, o bandido de cabeça inculta cuja face subito se illumina, de Grunewald; não é muito menos o Jesus calmo, havendo reconquistado, após o transitto, a serenidade d'um Deus; não, é outra cousa bem differente: Metsys concebeu-o d'uma maneira muito especial; Este soffreu tudo quanto podia soffrer, mas chegou ao termo. E' um Deus lasso, extinto, que já não pôde mais; o corpo é um esqueleto, as costellas estendem-se como arcos retesados sob a pelle d'um castanho esverdeado, salpicado de sangue; as faces têm cavidades; o collo é funicular, a garganta uma rêde de cordas; distingue-se o leite das pupillas na bolsa entreaberta dos olhos e a bocca entreabre uns labios inchados, côr de cinza, em uma barba estriada por stalactites de sangue coagulado.

Parece que, do alto do Golgotha, contemplara elle o triste panorama dos seculos e lobrigara no futuro a maré cheia dos peccados, o mundo submergido pela preamar dos vicios; e, cansado, examine, menos pelos atrozes soffrimentos corporaes que supportava, do que por esta perversidade que bem sabia que havia de repercutir-se, de geração em geração, até ao fim das edades, fechou os seus pobres olhos, feliz em morrer, para não ver mais nada. Ah! Nosso Senhor! Esta face desamparada confrange-nos deveras! Desejaríamos então poder prestar-lhe os nossos serviços, assim como as santas mulheres que o rodeam; pensamos que o poderíamos alliviar um pouco, consolar-o, despregal-o da sua cruz, com a nossa contrição; que o lavaríamos, como Maria Salomé e Maria Magdalena, quando recebessemos o Sacramento da Penitencia;—é então que o mal-estar do desaccordo que existe entre o quadro e o logar onde está, se sente perfeitamente; era bem mais preciso, em vez d'um museu e d'um banco, antes um fundo de capella e um geneflexorio.

Para voltarmos ao proprio painel, consideraram-no, com as figuras de Quintino Metsys, já longe de Rogerio Van der Weyden de quem João de Molanus o diz discipulo.

Salvo o seu Christo, cuja estructura não differe da dos outros mestres de Flandres, porque tem o corpo emaciado, as feições macilentas, as pernas e os braços inteiriçados, os

outros personagens seus não têm esta magreza diaphana, este aflamento que chega ás vezes, quando são levados ao extremo, como no *Juizo d'Othon III* de Thierry Bouts, do museu de Bruxellas, a dar a um homem de pé, junto do throno do imperador, o aspecto d'um prodigioso fuso, d'um extravagante espargo.

Na obra de Metsys, os personagens que cercam o Redemptor, José d'Arimathea e Nicodemus, são seres vigorosos e nutridos, e o homem de olhar e bigode felino é um robusto e simples soldado velho; quanto ás suas mulheres, não nos mostram ellas nem o rosto de ave que Memling adorava, nem a oval exangue e ossuda que adoptaram a maior parte dos Primitivos; mostram um rosto redondo, faces pallidas e cheias, cabellos d'um castanho que descamba no ruivo; mas o que é estranho n'estas creaturas, cujos traços se assemelham e de quem S. João parece ser o irmão, são os olhos negros, velados por uma palpebra carregada, uns olhos que se alongam, não de todo como os olhos fixos e revirados das japonezas, mas que correm um pouco, como os das samoyedas e esquimós, em linha recta para as fontes.

Se abordarmos a factura da obra, descobriremos em Metsys mais naturalidade, mais realismo mesmo que nos seus antecessores. A sua concepção mystica differe egualmente da d'elles; não julga, pois, que as almas santas devam necessariamente alojar-se em corpos fluidizados por ellas; crê, sim, na alma sequestrada não importa em que carcere e conseguindo mesmo tornar-se visivel. E' mais grosseiro, mais vulgar até, digamos assim, do que Rogerio Van der Weyden e Memling, mas se a sua lingua é menos delicada, é comtudo mais forte; é elle, em summa, o mais viril dos pintores que viveram nos primeiros annos do seculo XVI.

Este quadro do Enterro de Christo é, convém notal-o bem, a sua obra prima.

Foi-lhe encomendado, em 1508, pelos marceneiros de Antuerpia para ornar o altar que a sua corporação possuia na cathedral.

Quanto á vida d'este artista, pôde ella resumir se em duas linhas. Quintino Metsys, ou Messys, Matsys ou Massys—porque não se sabe como orthographar o seu nome—nasceu em 1466, em Lovaina; exerceu do mesmo modo que seu pae, a profissão de ferreiro e forjou as pias baptismaes da igreja de S. Pedro d'esta cidade e a grade do poço da praça de Nossa Senhora de Antuerpia. Deixou este officio para aprender a pintura, foi recebido como mestre na «gilde» de S. Lucas, casou duas vezes, teve seis filhos de sua primeira mulher e sete da segunda; e morreu em 1530 ou 1531, depois de haver pintado não somente assumptos religiosos, mas ainda scenas de costumes e retratos, usurarios e banqueiros, um specimen dos quaes se mostra no Louvre.

(Traducção de P.)

J. K. Huysmans
(do livro «De Tout»).

Reliquias da Paixão

Damos em seguida nota dos logares onde actualmente se encontram as reliquias da Paixão de Jesus:

Mesa da Ceia.—Esta mesa é de madeira, sem ornato algum, e tem uma pollegada de espessura, sobre doze pés de comprimento e seis de largura. Coberta de laminas de prata pelos summos pontifices, foi despojada d'ellas no saque de Roma, sob o condestavel de Bourbon. Acha-se na basilica de S. João de Latrão, em Roma.

Prato.—O prato em que Nosso Senhor comeu o Cordeiro Paschal é de fina esmeralda, e está guardado na sé

de Genova, fechado com doze chaves, que estão em poder de outros tantos cidadãos principaes. E' aberto e largo por cima, e vae diminuindo e estreitando no pé. Faz seis divisões ou cantos de oitavado, e tem duas azas.

Tunica.—Nunca foi de côr roxa a que Christo vestiu e usou. Era de côr azul celeste, segundo um pedaço que em tempo foi dado a Henrique de Castella e que ainda hoje existe n'um dos templos de Hespanha.

Escada do Pretorio.—Esta escada foi transportada para Roma, e compõe-se de vinte e oito degraus de marmore tyrio de grande brancura. Para a conservar Clemente XII mandou-a cobrir de grossas taboas de nogueira.

Corda.—Parte da corda com que Christo foi atado á columna, conserva-se em Roma, na Basilica de Santa Cruz de Jerusalem.

Columna.—Na igreja de Santa Praxedes, em Roma, está a columna a que o Divino Salvador foi preso durante a flagellação. Sabe-se que esta columna foi trazida do Oriente, em 1213, pelo cardeal João Colonua, legado da Santa Sé. E' de marmore oriental, preto e branco, e póde ter tres pés de altura.

Vestido de purpura.—Na basilica de S. João de Latrão está parte do vestido de purpura que lançaram sobre os hombros de Nosso Senhor no Pretorio.

Corôa de espinhos.—Existe esta preciosidade que cingiu a frente do Filho de Deus, n'uma das igrejas de Paris. Tambem em Roma, na basilica de Santa Cruz de Jerusalem, estão dois grandes espinhos da corôa de Nosso Senhor.

Canna Verde.—Existe, com grande veneração, na igreja de Santa Sabina, em Roma.

Cruz.—Santa Helena acompanhou de Jerusalem a verdadeira cruz, que descobriu. Afim de receber este precioso deposito, foi construida uma igreja á custa do imperador Constantino e consagrada pelo Papa S. Silvestre. Esta igreja é a basilica da Santa Cruz de Jerusalem. Na basilica de S. Pedro em Roma tambem existe uma parte notavel da cruz em que morreu Nosso Senhor.

Sudario.—Conta a tradiçãõ que a mulher de Tyro, curada milagrosamente por Jesus, que, lhe deixara o retrato, veio ter a Roma por ordem de Tiberio, e dera de presente esta reliquia ao Papa S. Clemente. E' venerada no Vaticano desde remota antiguidade.

Mortalha.—Está em Turim, na sua cathedral, e foi ultimamente demonstrada a sua veracidade d'um modo scientifico, o que produziu grande sensaçãõ.

Titulo da cruz.—Existe na basilica de Santa Cruz de Jerusalem, em Roma. E' uma pequena lamina, d'um palmo de comprimento, tendo pintado a vermelho as palavras: —*Hiesvs Rex Iudaeorum Nazarens.*

Cravos.—Existem quatro cravos: um em Vienna d'Austria, outro em Colonia, outro em Milão, e outro em Jerusalem.

Esponja.—Uma parte da esponja molhada em fel está em Roma, na Basilica de Santa Cruz. Outra parte está na Basilica de S. João de Latrão.

Ferro da lança.—O ferro da lança acha-se na basilica de S. Pedro de Roma.

Pedra do sepulchro.—Esta pedra mede nove palmos de comprido e cinco de largo, tendo quatro dedos de grossura. Existe ella no mosteiro dos Armenios, servindo d'are do altar-mor. Fica este templo situado fóra dos muros da Jerusalem. Em Roma, na basilica do Santa Cruz estão alguns fragmentos da pedra do sepulchro.

Sangue.—E' tradiçãõ que em França, na igreja de S. Domingos da cidade de S. Maximino existe uma ambulacão cheia d'uma terra avermelhada, colhida por Maria Magdalena ao pé da cruz.

A Cruz

Já lá vão dezoze longos seculos que no cimo d'um monte denominado Golgotha, foi levantada trazendo pendente uma victima sacrosanta, uma cruz. No cimo lia-se em iniciaes — Jesus Nazareno Rei dos Judeus — tal foi o epitaphio que a turba lhe lavrou na sua crueldade mas que foi uma verdade incontestavel porque aquelle justicado santo e innocente era o Redemptor e o rei do universo cujo throno não teria fim. Jesus pregado na cruz com os braços divinaes abertos abrange a humanidade inteira n'um amplexo de extremosissimo amor para jamais ninguem lhe fugir.

Salvé cruz bemdita do meu salvador, eu me prosto deante de ti para reverenciar-te como feliz instrumento da redempção dos culpados. Cruz bemdita, ha dezoze seculos que foste erguida no Calvario e ainda conservas o mesmo frescor e louçania! é que tu és flor bemdita que não murcha, tronco viçoso que não secca. Onde houver um crente haverá uma cruz para elle a reverenciar e amar. E' que ella já não é o instrumento d'ignominia desde que Jesus o sol da vida abraçou e sellou com o seu bemdito sangue. Heje a cruz é o braço do christão que com ufania a coloca no peito; a força do Martyr que se abraça a ella na hora extrema; é o mais garrido adorno dos monumentos; é o penhor seguro da felicidade!

Cruz! salvé, que remiste o mundo eu te abraço e serás a minha companheira inseparavel.

M.

RETROSPECTO DA QUINZENA

No domingo de Paschoa commemora a Igreja Catholica a Resurreiçãõ de Jesus Christo e o complemento final da sua missãõ redemptora no mundo.

A festa da Paschoa foi instituida pelos hebreus em commemoraçãõ da passagem do anjo exterminador pelo Egypto, onde estavam sujeitos ao jugo de Pharaó, que então reinava.

Tendo Deus ordenado a Moysés a sahida dos israelitas do Egypto e negando-se a isso Pharaó, mandou cahir sobre esta terra as dez pragas, a ultima das quaes foi a morte de todos os primogenitos egypcios.

Para poupar os hebreus d'essa exterminaçãõ, ordenou Deus a Moysés que cada israelita, chefe de familia, tomasse um cordeiro sem macula, de um anno de edade, e que na noite em que deveria passar o anjo exterminador, fusse o cordeiro immolado, e marcadas as portas com o sangue d'elle, e por fim comida a sua carne, assada no forno em braza.

Assim comendo, deveriam ter uma cinta na cintura, sandalias nos pés e um cajado na mão, fazendo essa refeição depressa porque, disse Deus: «é a Paschoa (isto é a passagem) do Senhor.» Depois ordenou Deus que fôsse esse dia celebrado de raça em raça, devendo os israelitas comer pão sem fermento (asymo) durante sete dias.

A todos os nossos distinctos collaboradoras, presadissimos collegas na imprensa, e presados assignantes e amigos do «Progresso Catholico,» enviamos sinceras e cordeas boas-festas da Paschoa.

O snr. ministro da justiça recebeu ha dias (16 de março) a grande commissãõ de Leiria que foi a Lisboa pedir a restauraçãõ do bispado.

O snr. conselheiro Campos Henriques respondeu que ia entabolar negociações com a Santa Sé, da qual dependia o deferimento do pedido. Analogamente deu o presidente do conselho, snr. conselheiro Hintze Ribeiro,



O sepulchro vasio

E' certo que estas promessas formaes lisongearam nós todos, no entanto os denodados leirienses não devem dar por finda a sua missão, adormecendo á sombra dos louros já colhidos.

O nosso intemerato collega «Portomozense» não deve deixar apagar o seu sacro fogo, nem a grande commissão leiriense deixar de fazer a sua peregrinação até Lisboa...

O nosso Santissimo Padre Pio X acaba de publicar uma nova Encyclica, *Jucunda sane*, commemorativa do centenário de S. Gregorio Magno.

Por uma pallida apreciação da nova Encyclica que vimos nos jornaes, sabemos que n'ella o Papa exprime a resolução de defender a todo o transe os direitos do Papado e diz:

«Estamos n'uma epocha de negação universal que é o resultado da sciencia mal applicada, revelando as consequencias moraes d'esta incredulidade.» Termina expondo os deveres dos bispos.

Parece que devido á iniciativa do imperador Guilherme, o *Bundesrath* allemão abrogou o ultimo paragrapho que subsistia ainda das leis com as quaes Bismarck iniciava em 1872 o *Kulturkampf*.

Os jesuitas poderão, pois, estabelecer-se pacificamente na Allemanha, graças á politica superior do successor de Frederico o Grande.

E' para notar-se o facto de os paizes protestantes, como a Allemanha, a Inglaterra e ainda os Estados Unidos, estarem dando provas de muito mais tolerancia e menos menosprezos pelos direitos dos catholicos, do que os proprios paizes officialmente tidos como taes.

A França, a despeito dos altos interesses que lhe advêm da conservação das congregações, persegue-as e expulsa-as para fazer triumphar um sectarismo odiente. Ora é este sectarismo que se não descobre na Allemanha ou na Inglaterra e até mesmo na Italia que abre as portas para acolher o exodo dos religiosos francezes.

Temos noticia de que o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. Theotónio, venerando Bispo de Meliapor, tenciona partir para o continente nos fins do proximo mez de maio, tendo para isso obtido já a respectiva auctorisação do governo.

Bemvindo seja S. Ex.^a Rev.^{ma}

O Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. Antonio Barroso, illustre Bispo do Porto, pronunciou ultimamente na camara alta um notabilissimo discurso em que se referiu á situação precaria do clero parochial em Portugal.

Sua Ex.^a, n'aquella sua eloquencia natural, tão persuasiva e convicta, empolgou devéras os ouvintes, que julgaram escutar então o verbo vigoroso d'um apostolo, clamando justiça para os desprotegidos.

Nós, que apenas viramos nos jornaes o extracto do discurso em que a personalidade de S. Ex.^a tão aureolada se mostrou, não podemos deixar de felicitar calorosamente o nobre Bispo.

Os dignos pares do reino, snrs. conde de Breiandos e conselheiro Jacintho Candido, apresentaram na Camara dos Pares um projecto de lei sobre o descanso do domingo, acompanhado do respectivo relatorio.

São obvias quaesquer considerações tendentes a illucidar a natureza do assumpto, de tão grande proveito para a causa da religião.

O congresso dos caixeiros portuguezes, que acaba de se realizar em Lisboa, promoveu uma manifestação na sua terceira e ultima sessão em homenagem aos dois prestigiosos chefes do partido nacionalista.

BIBLIOGRAPHIA

A Alma no Calvario

E' o titulo d'um precioso livro sahido ultimamente dos prelos da Typographia Catholica do snr. José Fructuoso da Fonseca.

E'-nos grato fallar d'um livro, quando expontaneamente nos accodem aos bicos da penna palavras que, mesmo encomiasticas como são, reflectem ainda que pallidamente as saltares impressões que suggeriram a sua leitura.

O livro de que fallamos está n'este caso. São tão sublimes as suas meditações, respiram por todas ellas uma santa uncção mystica, que certamente farão o enlevo das almas que as lerem.

As pessoas devotas ao lê-las e medita-las poderão seguir passo a passo as scenas do Calvario, onde em um rasgo sublime d'amor se exauriu o sangue do Justo, na Cruz pregado. Não pôde ser, pois, mais sublimado, nem mais christão o assumpto.

Recommendo-o aos nossos leitores, cumprimos um estricto dever, pois com a sua divulgação se presta um relevante serviço aos fieis.

O nosso venerando Prelado tão bom achou o livro que concedeu quarenta dias de indulgencia por cada meditação ou leitura d'um capitulo.

Attenta a obra destinar-se a propagação, custa o livro apenas 300 reis.

A Alma no Calvario vende-se na Typographia Catholica de José Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74 — Porto.

Recebemos e agradecemos:

— *De Gethsemani ao Golgotha ou a Paixão de N. S. Jesus Christo, segundo os Prophetas, os Evangelistas e os Padres da Igreja*, pelo Rev. Alfredo Weber. Edição da Livraria Povoense Editora de José Pereira de Castro — Pova de Varzim. Por absoluta falta de espaço, deixamos para o proximo n.º a apreciação d'este bello livrinho.

— O fasciculo n.º 80 da *Biblia Sagrada*, soberba edição illustrada com os trabalhos geniaes de Gustavo Doré. Publicada sob a direcção do rev. Dr. Santos Farinha, e revista pelo conego Senna Freitas, é sem duvida a mais notavel edição biblica que tem sahido á luz em Portugal. Assigna-se na Livraria Moderna, Rua Augusta—Lisboa.

— O fasciculo n.º 10 da *Theologia Moral Universal* de Pedro Scavini. E' a mais completa que se tem publicado em lingua portugueza. E' seu editor o snr. José Maria d'Almeida—Vizeu, onde se assigna.

— Temos continuado a receber a estimada visita dos nossos presados collegas na imprensa catholica: Santa Cruz, Echos de Roma, Voz de Santo Antonio, Novo Mensageiro, Legionario de Maria, Revista Popular, Matto Grosso, Ecco Franciscano, Revista de las Hijas de Maria, Revista Catholica, Petardo, Boletim Salesiano, Occidente, etc.

EXPEDIENTE

O brinde offerecido aos snrs. assignantes que já têm pago ou paguem ainda a sua assignatura de 1\$000 reis até ao dia 15 de abril proximo é o livro — «A Alma no Calvario», do Padre Braudand, tendo perto de 400 paginas, e sendo approved e indulgenciado pelo Rev.^{mo} Bispo do Porto, o qual será distribuido por estes dias.

— Qualquer reclamação dos snrs. assignantes dirigida á administração deverá sempre vir acompanhada do n.º da respectiva cinto.

— Lembramos áquellas pessoas que tem recebido n.º successivos do nosso jornal, não os devolvendo, que ficam consideradas assignantes para os devidos effeitos, favor que desde já muito agradecemos.

— Pedimos encarecidamente ás pessoas a quem temos enviado o nosso jornal pela primeira vez, que no caso em que não nos queiram honrar com o precioso auxilio da sua assignatura, nol o devolvam o mais breve possível a fim de nos evitarem despesas.

— Lembramos tambem que o pagamento das assignaturas é adeantado, conforme o indicam as suas condições, por isso pedimos encarecidamente que o façam desde já.

ANNUNCIOS

MEDITAÇÕES

PARA

O MEZ DE MAIO

PELO

Padre Affonso Muzzarelli

COM

PIEDOSOS E LINDOS COLLOQUIOS COM A SS. VIRGEM PARA TODOS OS DIAS E TOCANTES EXEMPLOS

EXTRAHIDOS

Das obras de Santo Affonso Maria de Ligorio e de outros bons auctores

Com permissão do Ex.º e Rev.º Sr. Cardeal D. AMERICO, Bispo do Porto

QUINTA EDIÇÃO

Preço: Broch. 100 reis. Enc. 160.

VIDA

DO

GLORIOSO PATRIARCHA S. JOSÉ

Extrahida e reduzida a compendio do que escreveram os Sagrados Evangelistas, Santos Padres e varões pios

PELO

Padre João Baptista de Castro

Preço . . . 500 reis

Sermão do Enterro

PRIMEIRO ENSAIO ORATORIO

DO

ABALISADO E SAUDOSO

José dos Santos Monteiro

BACHAREL EM THEOLOGIA E FORMADO EM DIREITO PELA UNIVERSIDADE DE COLEBRA, ANTIGO PROFESSOR DO SEMINARIO DE LAMEGO E PRIOR DE VILLA DO CONDE

Approvado pelo Ex.º e Rev.º Sr. D. Antonio Barroso Bispo do Porto

Preço . . . 100 reis

A ALMA

NO

CALVARIO

CONSIDERANDO

Os soffrimentos de Jesus Christo e achando ao pé da Cruz a consolação para as suas penas

COM

ORAÇÕES, PRATICAS E HISTORIAS SOBRE DIVERSOS ASSUMPTOS

PELO

P. BRAUDAND, S. J.

TRADUZIDA DO FRANCEZ

POR

A. L. F.

Approvada e indulgenciada pelo Ex.º e Rev.º Sr. D. Antonio, Bispo do Porto

Um volume de perto de 400 pag. . . . 300 reis
Encadernado 500 »

IMITAÇÃO DE CHRISTO

Novissima edição confrontada com o texto latino e ampliada com notas por

MONSENIOR MANUEL MARINHO

Approvada e indulgenciada pelo Ex.º e Rev.º Sr.

D. ANTONO, BSPO DO PORTO

Preços:

Em percalina 300 reis
Em carneira com folhas douradas. 500 »
Em chagrin, douradas 1500 »

ORAÇÃO

Á

IMMACULADA CONCEIÇÃO

Para ser recitada durante o seu jubileu 1903-1904

APPROVADA E INDULGENCIADA (Tradução official)

Preço—Por um exemplar. 10 reis

PROGRESSO CATHOLICO

N'esta a-administração recebe se em troca o n.º 1 do corrente anno por uma estampa de assumpto sensacional.

José Joaquim d'Oliveira

PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO 103, Rua do Souto, 105—BRAGA

Premiado nas Exposições Industrial Portuense de 1887, Industrial de Lisboa de 1888 e Universal de Paris de 1889

Fabrica de lamascos de seda e ouro, lisos e lavrado; paramentos para igreja; galões e franjas d'ouro fino e falso; setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familias Reaes Portuguezas.

VIDA

— DE —

SANTA CATHARINA DE GENOVA

Com a noticia e declaração do Tratado do Purgatorio e do Dialogo
composto pela mesma Santa

POR

ALEXANDRE MAINERI, S. J.

No numero anterior começou o "Progresso Catholico," a publicar em "addenda," a

Vida de Santa Catharina de Genova

O grande exito obtido pela *Vida do Patriarcha S. José* que já se acha concluida levará-nos a escolher a vida d'esta prodigiosa eleita para o substituir, certos de que ha de ter o mesmo acolhimento lisongeiro senão maior ainda.

A

Vida de Santa Catharina de Genova

é a historia circumstanciada d'esse portento admiravel de sabedoria e santidade que assombrou o mundo com o seu viver sobrehumano e peregrinas virtudes.

Vidente extraordinaria, as suas visões são o que ha de mais orthodoxo sobre o assumpto, pela grandiosidade da demonstração, e sublimidade de pensamentos.

Com a publicação da

Vida de Santa Catharina de Genova

estamos certos prestar um bom serviço á litteratura religiosa pela divulgação de mais um optimo livro, que muito bem ha de produzir.

Segue-se a enumeração dos capitulos de que se compõe a

Vida de Santa Catharina de Genova

CAPITULO I—Noticias preliminares.

CAP. II—Nascimento e primeira idade de Santa Catharina.

CAP. III—Santa Catharina toma o estado matrimonial: successos do dito estado e pia morte do seu Consorte.

CAP. IV—Prodigiosa conversão de Santa Catharina; admiravel divina conducta no governo do seu espirito.

CAP. V—Jesus Christo com a cruz ás costas se faz ver a Catharina; vida austera da mesma Santa.

CAP. VI—Novos e particularissimos favores, feitos por Deus a Santa Catharina, e o seu jejum milagroso.

CAP. VII—Começa Santa Catharina a exercitar-se em obras de caridade com o proximo.

CAP. VIII—Dedica-se totalmente Santa Catharina ao serviço do Hospital de Pammatone.

CAP. IX—Com que frequencia e devoção recebia Santa Catharina a Jesus sacramentado.

CAP. X—Dom de oração, extases, e finezas do Amor de Deus em Santa Catharina.

CAP. XI—Doutrina prodigiosa e sublime de Santa Catharina.

CAP. XII—Afflicção de Santa Catharina, por se ver privada de guia humana, e Director que lhe dá o Céu.

CAP. XIII—Pia memoria de algumas pessoas discipulas de Santa Catharina.

CAP. XIV—Padece excessivamente Santa Catharina; maravilhosos accidentes nos annos do seu amoroso martyrio.

CAP. XV—Noticia e explicação do Tratado do Purgatorio, composto por Santa Catharina.

CAP. XVI—Compendio do Dialogo entre a alma e o corpo; fim que teve Santa Catharina em compol-o.

CAP. XVII—Ultima e dolorosissima enfermidade de Santa Catharina, e sua preciosa morte.

CAP. XVIII—Exequias e sepultura de Santa Catharina, cuja gloria publica o Céu por varios modos.

CAP. XIX—Culto de Beata dado a esta Serva de Deus, e o seu progresso até á solemne Canonização.

CAP. XX—Graças prodigiosas obradas por intercessão de Santa Catharina.

CAP. XXI—Conceito grande, que se tem feito no mundo das virtudes de Santa Catharina, e dons sublimissimos, que Deus lhe communicou.